

CURITIBA, “REPÚBLICA DAS LETRAS” (1870/1920)

Antonio Marcos Myskiw
Doutorando Universidade Federal Fluminense - RJ

RESUMO: Estudo do cenário cultural e intelectual de Curitiba/PR, entre os anos 1870 e 1920, com ênfase na produção literária de alguns intelectuais paranaenses; na importância das casas tipográficas, das oficinas de redação dos jornais e de seus respectivos editores para a construção de hábitos de leituras na população curitibana; nos leitores e nas práticas da leitura.

ABSTRACT: Study of the cultural and intellectual scenery of Curitiba/PR, among the years 1870 and 1920, with emphasis in the literary production of some intellectuals paranaenses; in the importance of the typographic houses, of the workshops of composition of the newspapers and of their respective editors for the construction of habits of readings in the population curitibana; in the readers and in the practices of the reading.

PALAVRAS-CHAVE: Curitiba/PR, 1870/1920; circularidade cultural, intelectuais.

Como no Paraná, em parte alguma do país se lida nas letras. Uma plêiade seleta de moços de talento ali trabalha incessantemente, e com uma atividade e uma perseverança que constituem a afirmação mais perfeita e mais solene de que ali há elementos valiosos, suficientes para se fazer a integração de um belo período da vida espiritual do país. Não se passa um ano sem que cada um daqueles moços entre com o seu contingente, escolhido e farto, para a biblioteca nacional (ROCHA POMBO, 1980: 127).

A produção literária que se avolumava ano a ano e em quantidades mais expressivas nas prateleiras da “biblioteca nacional”, como dá a entender Rocha Pombo a respeito da crescente “plêiade seleta de moços de talento” paranaense inseridos no mundo das letras em fins de oitocentos, era fruto de um conjunto de aspirações nacionais, no campo literário e histórico, ligado ao ideal de nação, república e modernidade. Curitiba, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo, também passava por mudanças em vários níveis da sociedade através da disseminação de idéias e práticas novas havia pouco chegadas do continente europeu sob o emblema da *Belle Époque* (Cf. NEEDELL, 1993), em que se entendia que o progresso material e cultural fazia-se necessário para o “bem de todos”. A “evolução” humana e social pautava-se nos padrões fixados pela ciência européia, expressa e perceptível de diferentes maneiras pelas mais diversas camadas da população. A palavra impressa teve função relevante na difusão de tal conjunto de idéias, seja na forma de jornal,

revista ou livro, em prosa, verso ou imagem, cujos conteúdos manifestavam impressões, choques, aspirações e anseios por mudanças ou permanências na vida cotidiana da sociedade brasileira e paranaense, retratadas sob do olhar e a pena de poetas, romancistas, literatos e jornalistas.

As trajetórias intelectuais de Rocha Pombo, Romário Martins, Dario Vellozo e Euclides Bandeira serão apresentados brevemente a seguir, como estratégia de estudo e percepção da “República das Letras”, isto é, do cenário cultural e intelectual de Curitiba, entre 1870 e 1920. Esses autores estão inseridos num grupo maior de intelectuais que defendem e, ao mesmo tempo, se beneficiam dos ideais elitistas. Aglutinam-se num lugar comum: nas redações de jornais e revistas, nos conselhos editoriais das tipografias, nos clubes, cafés e associações literárias. Lugares por excelência, de fermentação e circulação de idéias, de relações afetivas, que Jean-François Sirinelli denominou de “ecossistema”, onde amores e ódios, idéias e ilusões se chocam, muitas vezes, devido aos engajamentos ideológicos (SIRINELLI, 1996: 242 a 244). Antonio Gramsci entende que esses intelectuais são “agentes da hegemonia”, pois praticam o malabarismo equilibrista a fim de colher vantagens de todos os lados; legitimadores dos “grupos dominantes” que, em troca, lhes fornecem posições de destaque no cenário social e político; membros da “burguesia”, mestres em “jogar no time que vence” (GRAMSCI, 1987). Em contrapartida, esses mesmos intelectuais também podem ser vistos como “criadores” e “mediadores culturais”, sinaliza Sirinelli.

Em seguida, parte-se para uma reflexão a respeito da edição, circulação e leitura de livros em Curitiba, entre fins do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Casas tipográficas, autores de livros, bibliotecas públicas e privadas e leitores são alguns dos temas abordados, procurando mostrar, por meio de fontes e da historiografia existente, a circularidade da cultura impressa em Curitiba. Mesmo sendo produzidos por um determinado grupo de pessoas ligadas à elite curitibana, os textos, os panfletos, as revistas e os periódicos com suas respectivas informações e reflexões chegavam aos olhos e ouvidos de diferentes grupos sociais. Há, de acordo com Carlo Ginzburg, um relacionamento estreito e circular de “influências recíprocas” e, muitas vezes conflituosas, que se movem de cima para baixo e de baixo para cima na sociedade, dificultando em muito quando se tenta traçar um limite cultural entre as “classes” dominante e popular. Se existe fronteira entre ambas, ela pode ser considerada frágil e movediça quando se discute a assimilação cultural, quer seja lavada a cabo por letrados ou analfabetos, ricos ou pobres (GINZBURG, 2002). As maneiras pelas quais Menocchio, o moleiro letrado estudado por

Ginzburg, teve acesso a alguns livros traduzem-se num bom exemplo de circularidade cultural, mais especificamente, da cultura impressa que, naquela época, dava seus primeiros passos firmes a partir do invento de Johann Gutenberg (MAN, 2004).

TECENDO A “REPÚBLICA DAS LETRAS”

José Francisco da Rocha Pombo, conhecido entre seus contemporâneos como Rocha Pombo, foi testemunha ocular e peça importante no “alargamento dos horizontes intelectuais” da população paranaense, entre fins do século XIX e início do século XX. Aos 18 anos, completados em 1875, já lecionava primeiras letras numa escola de subúrbio, em Morretes, litoral do Paraná. Em 1881, residindo em Curitiba, publicou o seu primeiro livro, *A Honra do Barão*, impresso por suas próprias mãos na *Tipographia Paranaense*, onde trabalhava como redator do jornal *Dezenove de Dezembro*, fundado em 1854 por Cândido Martins Lopes. Nos anos seguintes, publicou *Dadá* (1882), *A supremacia do ideal* (1882), *A religião do Belo* (1883), além de reeditar seus textos em folhetins argentinos e uruguaios. Após 1883, passou a dedicar-se à redação e direção dos semanários *Eco dos Campos* (Castro, 1883), *Gazeta Paranaense* (Curitiba, 1884), *Diário Popular* (Curitiba, 1887) e *Diário do Comércio* (Curitiba, 1888), sem, no entanto, desligar-se de sua paixão, a produção literária. Publicou o poemeto *A Guaira*, em 1884, seguido do romance *Petrucello* (1888) e *Visões* (1888), livro de contos e poesias. (Cf. QUELUZ, 1998)

Aos quarenta anos de idade (1897) Rocha Pombo migrou para o Rio de Janeiro e lá se filiou ao grupo literário dos simbolistas e dos socialistas, opções lógicas devido as suas experiências de vida na Província do Paraná. Em 1900 publicou três livros: *História da América*, *O grande problema*, e *O Paraná no Centenário*, este último, considerado pelos historiadores contemporâneos sua melhor obra de história, “onde recorda toda a vida e a cultura de uma comunidade, a sua comunidade, e onde ordenou com calor humano e simpatia as suas lembranças e os seus sonhos de futuro – a lembrança de sua gente”, ressalta Brasil Pinheiro Machado, num texto escrito em 1979 por ocasião da segunda edição da referida obra (MACHADO, 1980: X).

No entanto, continua Brasil Pinheiro Machado,

Não é uma obra de história, é uma crônica vivenciada, onde as fontes históricas, isto é, os raros documentos citados têm uma função muito secundária em face de sua própria experiência e de sua intensa comunhão com a comunidade. Tem-se a impressão de que, quando fala do passado histórico, não conheceu esse passado como historiador, mas ouviu dos mais velhos, os 'antigos', toda a tradição de sua gente e a reproduz filtrada pela sua própria sensibilidade. Mas quando fala do presente – do seu presente recordado – mostra o seu conhecimento quase total do povo paranaense como uma comunidade cultural. [...] Aí nesse livro tão significativo, Rocha Pombo recorda a cultura popular, os modos de trabalho da população, os folguedos das classes populares, a criação e o desenvolvimento da cultura intelectual, o caráter das lutas políticas pelo poder local, a renovação social ocasionada pela imigração européia, a criação das estradas de ferro, o sistema da educação, as bibliotecas, os teatros. (MACHADO, 1980: X-XI).

Rocha Pombo começou a se destacar no cenário brasileiro quando, em 1905, lançou o primeiro volume de *História do Brasil*, do total de dez, finalizados em 1917. Foi fortemente atacado por Capistrano de Abreu e, mais tarde, por Rodolfo Garcia, discípulo de Capistrano. A crítica à obra de Rocha Pombo, em síntese, foi ter tencionado escrever a história brasileira não através das descrições de batalhas, dos acontecimentos políticos, da biografia da realeza, nobreza e dos grandes heróis, e sim, do estudo do cotidiano do povo, de seus costumes, opiniões, crenças, legislações, idéias, tendências, instituições, riquezas. Os positivistas denunciavam na obra, a falta de pesquisas documentais para comprovar seus escritos e idéias. Ou, como enfatizava Rodolfo Garcia, ao assumir uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, em 1936, o pedado de ter-se valido essencialmente de fontes secundárias:

Rocha Pombo, por impossibilidade de recorrer aos arquivos da Europa e por escassez de tempo confessada para freqüentar aos arquivos nacionais, ficou reduzido na elaboração de sua História do Brasil à contingência de aproveitar o que os outros prepararam conforme honestamente declarou. [...] A consulta a fontes conduziria por força (Rocha Pombo) à apuração de fatos que aparecem deturpados nos autores em quem fiou; uns tantos pormenores teriam de ser avisados de seu debuxo primitivo, um panorama mais exato do passado brasileiro desdobrar-se-ia aos nossos olhos" (GARCIA Apud MACHADO, 1980: XVI).

De acordo com Brasil Pinheiro Machado, Rocha Pombo conservou sempre a marca de sua sociedade e da posição que nela ocupava, que se apagava no entrechoque dos diletantismos e dos cabotinismos da república das letras. "*E, talvez por isso mesmo, a sua obra literária não foi peneirada pela crítica da época. [...] Apenas sua obra histórica sofreu o impacto das competições de oficiais do mesmo ofício*" (MACHADO, 1980: X).

Alfredo Romário Martins, contemporâneo e amigo de Rocha Pombo soube a seu modo, deixar sua marca na produção literária e, principalmente, na escrita da história do

Paraná, de fins do século XIX à quarta década do século XX. Nascido em 1874, obteve formação escolar no colégio Curitibano e, a exemplo de Emiliano Pernetta e Otávio Ferreira do Amaral, possuía grande brilho intelectual para freqüentar o ensino superior em São Paulo e no Rio de Janeiro. Suas pretensões foram podadas, provavelmente, devido à dificuldades financeiras. Começou a trabalhar aos 15 anos como auxiliar de tipógrafo nas oficinas do jornal *Dezenove de Dezembro*. Em 1893 teve publicada sua primeira coletânea de poemas, *Vozes Íntimas*, e, no ano seguinte, *Noites e alvoradas*. Influenciado pelos escritos de Dario Vellozo e Euclides Bandeira, redigiu e publicou, em 1895, *O socialismo*, onde criticava a sociedade curitibana e brasileira daquele momento. Neste mesmo ano ingressou como secretário da redação do periódico *Diário do Paraná*, para, no ano seguinte, migrar para o jornal *A República*, sem deixar de colaborar em outros jornais, dentre os quais, o *Diário do Comércio*, *Quinze de Novembro* e *A Tribuna*. "A oficina é uma história e um lar. Instrui e educa. Ela formou meu espírito e formou-o de maneira a fazer de mim uma individualidade moral e intelectual de ação no meio do meu tempo", lembra Romário Martins da importância que teve a atividade jornalística na sua formação pessoal e profissional (CAROLLO, 1995: XXI).

Sob orientação de Rocha Pombo, Romário Martins voltou seus olhos para a questão indígena paranaense. Tal escolha, ao certo, o fez perceber a inexistência de estudos a respeito da história de seu rincão, tanto que, em 1899, publicou *História do Paraná*. Tal estudo foi pensado e estruturado para ser utilizado nas escolas públicas do Estado. Essa obra rendeu-lhe a abertura das portas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), sendo eleito sócio correspondente em 1900 (empossado em 1908) motivando-o a fundar o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense (IHGPR) naquele mesmo ano, juntamente com Sebastião Paraná, Ermelino Agostinho de Leão, José Bernardino Bormann, Sebastião Paraná, José Cândido de Abreu, Emiliano Pernetta, Dario Vellozo, Julio Pernetta, Nestor de Castro, Manuel Ferreira Correia, Lucio Pareira, Jocelin Borba, José Cândido da Silva Muricy, Camilo Vansolini, Luiz Tonisse e Bento Fernandes de Barros (WESTPHALEN, 1991: 215-216). Ainda em 1900, foi nomeado diretor do Museu Paranaense, onde atuou de maneira perspicaz na coleta e preservação de uma infinidade de fontes documentais de toda ordem sobre o Paraná voltando todos seus esforços para a questão de limites do Paraná, assunto sobre o qual escrevera folhetos, opúsculos, mapas e auxiliou a ação jurídica da comissão integrada pelos conselheiros Barradas, Ubaldino do Amaral, Inglês de Souza e Sancho de Barros Pimentel (SOARES, 1995: XIII-XIV). Romário Martins, conforme destaca Cassiana Lacerda Carollo, foi comissionado pelo governo do

Estado para pesquisar no Arquivo Nacional, no Arquivo do Estado de São Paulo e na Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Contribuiu para os trabalhos da comissão com 156 documentos, 60 mapas e 12 opúsculos elucidadores do litígio com relação à indefinição dos limites fronteiriços entre Paraná e Santa Catarina. (CAROLLO, 1995: XXIV).

Dessa pesquisa documental realizada em outros Estados da federação, nasceram, aos poucos, novos estudos, dentre eles: *Três estudos da questão de limites* (1901), *Limites a sueste* (1901), *Argumentos e subsídios sobre a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina* (1902), *O rio Sahy* (1904), *Coritiba, histórico da sua fundação* (1906), *Paranagoá, histórico de sua fundação* (1906), *O que é o Paraná, a Terra e o homem* (1907), *Catálogo dos jornais publicados no Paraná 1854-1907* (1908), *O pinho do Paraná e sua necessidade* (1909), *Santa Catarina versus Paraná* (1909), *Alguns mappas dos séculos XVII a XIX* (1915), *Documentos comprobatórios dos direitos do Paraná na questão de limites com Sta. Catarina* (1915), *O livro do Mate* (1916, com parceria de Alberto Abreu Filho), *Curityba de outr'ora e de hoje* (1922). Suas publicações, nesse período, atestam seu empenho na resolução da questão dos limites territoriais entre Santa Catarina e Paraná (a região do Contestado) pautado em argumentações de fôlego no sentido de evidenciar que aquela área deveria pertencer ao Paraná. Este empenho se explica, em parte, pelo fato de ter sido eleito Deputado Estadual por várias legislaturas seguidas (1905 a 1928).

É, no entanto, com a fundação do "Movimento Paranista", em 1927, que Romário Martins transformou-se no "forjador" de mitos e da identidade paranaense (Cf. SZVARÇA, 1998). Nesse sentido, obteve forte apoio e auxílio de outros intelectuais de seu tempo (Euclides Bandeira, Dario Vellozo, Rodrigo Júnior, Theodoro de Bona, João Turim, João Zaco Paraná, João Ghelfi e Lange de Morretes), vinculados à pintura, escultura, fotografia e literatura. Com a intenção de divulgar tais ideais identitários, nasceu a revista *Ilustração Paranaense* (1927/30), que, aos poucos e junto a outras publicações e criações artísticas, produziram uma idéia de sociedade que fincaria profundas raízes no imaginário da população. Identidade e idéias impregnadas de imagens de progresso, civilização, trabalho e ordem, "criando padrões de comportamento para a sociedade da época, constituindo o tipo ideal paranista, o paranaense do futuro", argumenta Luiz Fernando Lopes Pereira (PEREIRA, 1998: 75-76).

A produção de uma historiografia sobre o Paraná, das suas origens indígenas até aquele momento era visto como extremamente necessária, pois a construção de uma identidade regional tinha como base as tradições, os costumes e o imaginário paranaense. Ágeis e sutis, os intelectuais curitibanos inscritos no Movimento Paranista procuraram, nas

páginas dos jornais, periódicos e revistas, mesclar artigos de uma História regional preocupada com a valorização de grandes personagens do passado, de assuntos ligados ao cotidiano da população paranaense, além da criação de toda uma simbologia (oficial e não oficial), como por exemplo, o pinheiro araucária, que, naquela época, existia em abundância em parcela significativa do território paranaense (Cf. PEREIRA, 1996: 282-283). A utilização dos relatos de viajantes estrangeiros e brasileiros pelo interior do território paranaense serviu, entre outras coisas, para fornecer inúmeras informações sobre locais ainda pouco conhecidos e ricos em sua diversidade animal, vegetal e mineral. Descrever paisagens exuberantes, louvar a fertilidade da terra, a enorme quantidade de caudalosos rios e seus afluentes, bem como da exploração desses espaços por homens paranaenses, consistia, nas linhas e entrelinhas dos textos dos “paranistas” e daqueles que relataram em forma de narrativas de viagens pelo interior do Paraná, em retratar as feições de um Estado moderno e promissor. Essas imagens e descrições eram geralmente apresentadas aos olhos e ouvidos de leitores assíduos de jornais, revistas e livros ou ainda, da grande massa da população paranaense que pudesse deslocar-se a Curitiba por ocasião das comemorações cívicas (regionais e nacionais). Nesses momentos de efemérides e festas cívicas, a edificação de memórias históricas, de heróis e de toda uma simbologia regional era estética e politicamente apresentada à população presente.

Outro personagem que influenciou toda uma geração de jovens escritores na Província de Curitiba, entre fins do século XIX e início do século seguinte, foi Dario Vellozo. Sua inserção na “República das Letras” deu-se ainda na adolescência, período em que realizava seus estudos no Liceu de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Em 1885, já havia se tornado compositor-tipográfico na oficina Moreira Maximino & Cia, com sede no Rio de Janeiro (DENIPOTI, 2001: 75-76). Nesse mesmo ano, a convite de Jesuíno Martins Lopes – filho de Cândido Martins Lopes, morto em 1871 – que, havia alguns anos administrava a *Tipographia Paranaense*, fixou residência em Curitiba e, nesta mesma empresa passou a trabalhar como tipógrafo do jornal *Dezenove de Dezembro*. Nessa época, o referido jornal circulava diariamente, com exceção das segundas-feiras (GRAF, 1981: 24).

Dario Vellozo tornou-se figura popular entre os jovens intelectuais curitibanos, em parte por dispor em sua casa de uma “selecta bibliotheca”, mantida pela família Vellozo. De início, salienta Manoel de Azevedo da Silveira Netto (ou apenas Silveira Netto, como era conhecido entre seus pares), alocada no porão da casa, um lugar escuro e “atopetado de estantes repletas de livros”. O filho de Silveira Netto, Tasso da Silveira, publicou no Rio de

Janeiro, em 1921, *Dario Vellozo: perfil espiritual*, onde descreveu com mais detalhes a famosa biblioteca:

um puxado, a bibliotheca do philosopho, que reúne a mais admirável collecção de grandes obras que se possa orgulhar Coritiba. A arte, a sciencia, a philosophia se alinham nas estantes vastas em volumes que o uso e o tempo envelhecera. Aqui e alli, curiosidades raras. Alguma velha edição da Bíblia, impressa em caracteres antigos. Sobre alta estante, o 'sorriso de Voltaire', em nítida gravura. Sobre outra, uma cabeça de Christo, levemente inclinada para baixo, em atitude de meditação" (SILVEIRA, 1921: 12)

Cláudio DeNipoti soube, com grande fôlego, realizar um detalhado estudo sobre a trajetória de Dario Vellozo. "A vida de Dario Vellozo", comenta este historiador, "foi marcada pelas atividades de leitura, de escrita, de magistério e, em particular, de editoria. Como editor, as atividades de Vellozo se coadunam. Todo livro lido leva à escrita; todo texto escrito leva-o a ser editor" (DENIPOTI, 2001: 77). Vellozo escreveu e publicou 25 livros, entre 1889 e 1920, evidenciando seu domínio na tessitura de coletâneas de poemas, contos, romances e críticas literárias: *Primeiros ensaios* (contos, 1889), *Ephemeras* (versos, 1890), *Esquifes* (1896), *Alma penitente* (poema, 1897), *Althair* (conto, 1898), *Esothericas* (versos, 1900), *12 de outubro: ensino Cívico* (1901), *Teatro de Wagner* (1901), *Lições de História* (1902), *Derrocada ultramontana* (1905), *No solio do Amanhan* (romance, 1905), *Voltaire, polêmica e crítica* (1905), *Compêndio de Pedagogia* (1907), *Helicon* (versos, 1908), *Moral dos Jesuítas* (1908), *Templo Maçonico* (1909), *Pelos Aborígenes* (em colaboração com Julio Pernetta, 1911), *Ramo de Ouro* (1911), *Rudel* (poema, 1912), *A Cabana Fellah* (conto, 1915), *Da Therapeutica Occulta* (1915), *Da tribuna e da imprensa* (1915), *Do retiro saudoso* (1915), *Pour l'Humanité* (1916), *Mansão dos amigos* (conto, 1918), *O habitat e a integridade nacional* (These ao 6º Congresso de Geografia em Bello Horizonte, 1920) e *Livro de Alyr* (1920).

Lições de História e *Compêndio de Pedagogia* estão entre os livros reeditados e que lhe atribuíram certo reconhecimento na área de educação e história, pelo menos na capital paranaense, onde atuava, também, como professor de "História Universal" no Ginásio Paranaense. Para além das funções de editor e professor, Dario Vellozo, como comentado anteriormente, era editor, redator e colaborador em diversas revistas periódicas, muitas das quais ajudou a fundar, destacando-se as revistas *O mosqueteiro* (1886/87), *A idéia* (1889), *Revista Azul* (1893, voltada ao público feminino), *Club Coritibano* (1891/94), *Cenáculo* (1895/97), *A Esphyngue* (1899/1906), *Jerusalém* (1898/1902), *Ramo de Acácia* (1909/1912), *Myrto e Acácia* (1916/1920), *Phythagoras* (1920), *Luz de Krotona* (1921) e *A*

lâmpada (1931 aos dias atuais) (DENIPOTI, 2001: 77-79). Cláudio DeNipoti comenta que, em seus escritos, Vellozo revelou-se inserido num

complexo jogo de influências, iniciadas com idéias e imagens cristãs presentes em seus primeiros escritos, com o pensamento republicano que fora uma 'animadora promessa à juventude brasileira' e, com a melancolia de uma poesia preocupada com o problema da finitude humana. [...] A influência iluminista desses movimentos também alimentou o anticlericanismo de toda essa geração, da qual Vellozo é um exemplo completo" (DENIPOTI, 2001: 79).

Ademais, Dario Vellozo estava vinculado à maçonaria e ao Instituto Neo Pitagórico (INP), o qual fundou em 1909, explicando, em parte, a origem dos nomes de algumas revistas (*A Esphynge, Ramo de Acácia, Myrto e Acácia, Phythagoras e Luz de Krotona*). A "Esphinge" é um símbolo importante para os maçons, ao passo que, "Acácia" é uma árvore-símbolo da liberdade de pensamento. "Phythagoras", por sua vez, refere-se ao matemático grego Pitágoras de Samos, que, na segunda metade do século VI a.C., fundou em "Krotona" uma confraria científico-religiosa, cuja finalidade era descobrir a harmonia que preside à constituição do cosmo e traçar, de acordo com ela, as regras da vida individual e do governo das cidades. Essa filosofia adotada por Dario Vellozo foi fruto de sua postura, convivência e leitura dos escritos do poeta e jornalista Euclides da Motta Bandeira e Silva, conhecido no mundo das letras da capital paranaense como Euclides Bandeira.

Seguindo os passos de literatos como Nestor Victor, Sebastião Paraná, Jayme Ballão Júnior e Emiliano Pernetá, Euclides Bandeira, em 1892, também foi para o Rio de Janeiro; porém, não visava absorver os ares de modernidade que pairava no clima carioca, e sim, de realizar um de seus sonhos: tornar-se militar. Ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha aos 16 anos, onde entrou em contato com a doutrina positivista de Auguste Comte. Regressou a Curitiba em 1895, por ocasião do fechamento da Escola Militar da Praia Vermelha, cujo motivo principal foi um levante provocado pelos alunos contra o governo civil de Prudente de Moraes, que, naquele ano, visava desarticular a estrutura de poder militarista. Euclides Bandeira estava entre os alunos rebelados (MARCHETTE, 1999: 28-29).

Euclides Bandeira, no ano de 1896, lançou-se no "mundo das letras". No entanto, seus primeiros artigos nasceram e foram impressos ainda no Rio de Janeiro, chegando a render-lhe o convite para ser redator do periódico *Correio da Manhã*, cargo esse não aceito devido a seu apego à cidade de Curitiba. Desde o início, o seu "poder de fogo" a partir da palavra escrita, teve como alvo a postura tomada pela Igreja Católica em por em prática um programa mundial: o Movimento Ultramontano, que, em síntese, visava acelerar a

centralização romana e reforçar a soberania do Papa. Nessa época, como analisam as historiadoras Etelvina Maria de Castro Trindade e Maria Luiza Andrezza, a Igreja Católica tomava campo contrário à razão, à liberdade, à ciência e ao futuro, optando por uma orientação conservadora e estabelecendo uma oposição cada vez mais acentuada entre civilização moderna e fé. Acresce-se a isso o fato de o advento da República haver dissociado Igreja e Estado, dando oportunidade a reformulações no aparato eclesiástico (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001: 89). Ademais, se observada a realidade paranaense entre fins do século XIX e início do século XX, tem-se a presença de um elevado número de imigrantes estrangeiros adeptos do catolicismo (ucranianos, poloneses e italianos). Nesse contexto, uma verdadeira "batalha de palavras", aos poucos, tomou fôlego entre os jovens escritores e o clero católico curitibano. Pode-se ter uma noção do conflito verbal no poema "Padrefobia", que figura no primeiro livro de Euclides Bandeira, publicado em 1901.

Padres! Eu vos detesto! A vida eclesiástica
Tem um mistério atroz que infunde pasmo e nojo!
Como Janus do mito abifronte... sarcástica
- Uma face cordura, outra deboche e arrojo.

Aquela vemos quando andais, aí de rojo,
Tufados de lamúria e de uma unção fantástica
Porém esta ocultais aos profanos, no bojo
Da batina – o covil da consciência elástica...

Mas, embalde! O que sois já todo mundo o sabe!
Fez-se a luz, afinal! Vossa adiposa e fátua
Divindade estertora e morre dia a dia...

Ah! Mas antes que a pingue associação se acabe,
Escolhei um de vós para – tornado estátua –
Ficar simbolizando... a santa Hipocrisia! (BANDEIRA, 1901: 15-16)

Heréticos é o nome do livro em que consta o poema acima. Na esteira dessa obra e seguindo o mesmo tom sarcástico e combativo, outras obras nasceram da pena de Euclides Bandeira: *A mulher e o romantismo* (1901), *Dithyrambos* (1901), *Velhas páginas* (1903), *Versos piegas* (1903), *Ouropeis* (1906), *Colcha de retalhos* (1906), *Troças e traços* (1909). Há, ainda, outros livros publicados pelo referido autor ao longo das décadas de 1930 e 40, porém, não mais voltados à crítica explícita ao clero católico, que são: *O monstro* (1937), *O sorteado* (s.d.), *Respingos históricos* (1939), *Prediletos* (1940) e *Crônicas locais* (1941). Esses textos procuravam descrever o perfil psicológico do homem curitibano e o pensamento paranista idealizado por Romário Martins.

Os jovens anticlericanistas fizeram uso intenso dos periódicos. Euclides Bandeira atuou como diretor do periódico *Diário da Tarde* entre os anos 1902 e 1912, cujas dependências, lembra Valfrido Piloto, se tornaram o “*quartel general da mocidade literária, vibrante de talento, de ironias, de exageros e explosões próprias da idade*” (PILOTO, 1941: 92). Juntamente com a fundação da Liga Anticlerical Paranaense, em 1901, passou a circular o periódico *Electra* (1901/03), arma oficial de combate. Fizeram uso, também, de diversos outros periódicos como, a título de exemplo, *O Cenáculo*, *Club Coritibano*, *Esphynges*, *Jerusalém*, *Acácia*, *Olho da Rua*, *O Pharol*, e a *Revista Azul*, parte considerável deles ligados à maçonaria e a clubes literários.

O clero católico, por sua vez, também possuía seu periódico: *Estrella*, fundado em 1898 para representar a imprensa católica na cidade de Curitiba. Na edição de número 157, de 1901, os clérigos alertavam:

O perigo social que ameaça a sociedade está nas teorias subversivas de toda a autoridade e de todo respeito que correm hoje por entre todas as classes sociais; está nesses livros degradantes, nessa imprensa desenfreada que só procura lisonjear as paixões e os interesses; [...] Está também no ensino dos cétricos, desses que põe tudo em dúvida. (ESTRELLA, 1901: 1)

Para o clero católico, parcela significativa dos jovens intelectuais curitibanos produzia uma literatura degradante em “antros tenebrosos” onde predominava o mais “negro mistério” repleto de mentiras infames. Com o passar dos anos, o clero católico curitibano acabou por obter a vitória naquela “batalha de palavras”.

A partir de 1909, Euclides Bandeira, percebendo que aqueles embates tão inflamados de outrora não mais surtiam o efeito esperado perante as ações postas em prática pelos padres católicos, retirou-se, aos poucos, do “campo de batalha”. Em 19 de dezembro de 1912, juntamente com outros intelectuais de seu tempo, Euclides Bandeira fundou o *Centro de Letras do Paraná*, tendo por objetivo a organização da Biblioteca Paranaense. Então, “*muito se falava do Paraná literário, na pujança espiritual e numérica dos seus poetas, prosadores, dramaturgos, comediógrafos, etc... enfim proclamava-se em todos os tons e estranho brilho com que o Estado insurgia no convívio intelectual do país*” (BANDEIRA, 1921: 5), justificava Euclides Bandeira por ocasião da comemoração da primeira década do Centro de Letras. “*Desde o seu primeiro número, a Revista do Centro de Letras do Paraná visava abrir espaço aos escritores e intelectuais menores e com temáticas variadas. Era um programa de preservação da produção cultural paranaense em seu todo*” (BANDEIRA, 1921: 5).

EDIÇÃO, CIRCULAÇÃO E LEITURA DE LIVROS EM CURITIBA (1870-1920)

Rocha Pombo, Romário Martins, Dario Vellozo e Euclides Bandeira. Quatro escritores de grande tenacidade intelectual, não só pelo número de livros e artigos publicados, mas também pelo olhar armado e reflexão arguta que apresentaram com relação à sociedade e ao cenário histórico e cultural em que viviam. Crítica à sociedade tradicional através dos movimentos simbolista, anticlerical e modernista. O apego à ciência, à afirmação de uma identidade regional e ao ideal de progresso contínuo (ou utopia contínua) traduzem-se em aspectos relevantes do pensamento de tais intelectuais. Eram novas experiências e expectativas que se apresentavam e, aos poucos, se transformaram em palavras impressas e lançadas à sociedade, como fez o cronista Stelio, do periódico *O Olho da Rua*, em 22 de julho de 1911:

Parece-nos a nós que Curitiba, agora, sacode aos poucos a apathia que lhe vai victimando para marchar ao lado das capitães que avançam [...] o que nos faz experimentar promissoras sensações de progresso é o caminho que a arquitetura em Curitiba vae trilhar. Esta cidade, calçando sapatos e sendo rendilhada por casas feitas com arte, será uma cidade ideal. (STELIO Apud BERBERI, 1998: 19-20).

Os jornais (periódicos ou diários), as revistas literárias e os livros eram veículos importantes para a divulgação das novas tendências culturais, bem como para as críticas e resistências a essas inovações e idéias. O grande número de jornais, revistas e livros editados e impressos na capital curitibana, entre fins do século XIX e início do século seguinte, deixam transparecer que havia um confronto de anseios, opiniões e ideologias, todas elas, buscando afirmar-se perante o público leitor. Reuniam-se em torno desses veículos um grupo maior de intelectuais; todos, a seu modo, apresentavam aos leitores outros ângulos de visão sobre a sociedade paranaense, pois viam-se “iluminados” e sabedores de caminhos que poderiam ajudar no desenvolvimento cultural de todos os níveis sociais.

A ênfase nos princípios da educação era um dos pilares dessa transformação, o que explica, em parte, a existência de diversos clubes de leitura dotados de bibliotecas, de um número acentuado de publicações voltados a gostos múltiplos, da organização do Museu Paranaense, da Biblioteca Pública, do Centro de Letras do Paraná, das escolas de

Belas Artes e Músicas, além dos colégios públicos e particulares (Cf. TRINDADE, 1996). Outro fator que não deve ser desconsiderado no apego dos intelectuais à instrução escolar pode ser lida como uma crítica ao governo estadual pela inexistência de uma política educacional voltada à ampliação e democratização do ensino.¹ O fato de Rocha Pombo, Romário Martins e Dario Vellozo atuarem como professores em colégios públicos e particulares de Curitiba, bem como terem produzido livros didáticos para serem adotados pelas instituições de ensino do Estado do Paraná, evidencia, de outra maneira, tamanha preocupação com a educação (OLIVEIRA, 2002: 114).

As casas tipográficas e as oficinas de redação dos jornais, revistas e periódicos também devem ser objetos de atenção, pois havia em seus interiores toda uma rede de relações com determinados setores da sociedade. Rocha Pombo, Romário Martins, Dario Vellozo e Euclides Bandeira foram iniciados no “mundo das letras” quando passaram a trabalhar como tipógrafos, redatores e, mais tarde, como editores de jornais, periódicos e revistas. Chegar ao *status* de editor era algo difícil, porém não impossível naquela época, visto que um reduzido número de pessoas, geralmente, era responsável por diversas funções, a começar pela pauta, coleta de materiais, edição dos textos, até a produção gráfica e escolha dos tipos a serem utilizados nas matrizes para a impressão.

O fato de a maioria dos jornais, periódicos e revistas serem editados periodicamente ou semanalmente, abriu oportunidades às tipografias para a impressão de livros. Dario Vellozo publicou muitos dos seus livros de contos, versos, poemas e críticas literárias pelas tipografias *Impressora Paranaense* e *Livraria Mundial*. Romário Martins, por sua vez, tinha certa predileção pelas tipografias *Livraria Econômica*, *D'A República* e *Gomes*. No entanto, quando seus textos compunham-se de mapas e fotografias, a tipografia *Impressora Paranaense* era a melhor escolha por possuir um parque de máquinas com alta qualidade de impressão e acabamento. *O Catalogo dos Jornaes publicados no Paraná de 1854/1907*, organizado por Romário Martins, foi impresso pela *Impressora Paranaense* no ano de 1908. A escolha dessa tipografia, ao que parece, não foi apenas pela qualidade da

¹ Em 1853, a Província do Paraná tinha uma população estimada em 62.000 habitantes. Desse montante, apenas 615 alunos freqüentavam cursos de primeiras letras. Em 1890, contando com uma população de 249.489 habitantes, dos quais 35.324 pessoas (14,1%) eram escolarizáveis, apenas 3.723 pessoas (10,5%) freqüentavam escola em todo o Paraná. Em 1917, com uma população de 676.827 habitantes, cujos índices de população escolarizável de 135.274 pessoas (19,9%), o número de pessoas em sala saltou para 23.110 (17,0%). O número de escolas primárias e secundárias (públicas e particulares) no Paraná passou de 127, em 1890, para 426, em 1917. Maria Cecília Marins de Oliveira salienta que somente a partir de 1922 uma campanha de alfabetização e escolarização de fôlego passou a ser realizada pelo governo paranaense, trabalho esse, realizado por Pietro Martinez, naquele período, Inspetor Geral da Instrução Pública no Paraná. Em 1929, o número de alunos em sala chegou a 69.712 (43% da população escolarizável) em 1.987 unidades escolares. (Cf. TRINDADE; ANDREAZZA, 2001: 108-109) e (OLIVEIRA, 2002: 108-109)

impressão. Como era uma obra encomendada pelo Governo do Paraná e que seria exposta no Rio de Janeiro por ocasião das comemorações do Centenário da Imprensa no Brasil (1908), além de ser financiada pelos cofres públicos, deveria ter cuidados especiais de editoração (Cf. MARTINS, 1908). Euclides Bandeira, ao atuar como tipógrafo, redator e editor em vários jornais e periódicos curitibanos, soube, a partir de seu idealismo, tirar proveito das oportunidades e publicar seus textos nas tipografias *Impressora Paranaense*, *Livraria Econômica*, *Novo Mundo* e *Films Coritibanos*.

A *Tipographia Paranaense* foi fundada em 1854, por Cândido Martins Lopes, que, naquela época, tinha certo reconhecimento entre a intelectualidade carioca devido aos serviços gráficos que havia prestado em sua tipografia (a *Tipographia Niterói*), tendo sua sede no Largo Municipal, em Niterói (CARNEIRO, 1975: 10). O convite para a instalação de uma tipografia em Curitiba partiu de Zacarias de Góes e Vasconcelos (Presidente da Província do Paraná) ainda no ano de 1853, pois a antiga 5ª Comarca de São Paulo não chegara a ter um periódico próprio. “*A vida dos da terra e os acontecimentos notáveis da região*”, comenta Osvaldo Pilotto,

corriam aos cochichos, como é comum nas aldeias. As notícias chegavam a Curitiba por terra com os tropeiros e a Paranaguá com as embarcações que ali aportavam. Deste modo, em Paranaguá circulavam, sobretudo os periódicos vindos da Corte, e em Curitiba, os publicados em São Paulo, que na primeira metade do século (XIX) eram escassos. (PILOTO, 1935: 213)

Após transferir e instalar a oficina tipográfica na Rua das Flores, Cândido Martins Lopes, com o apoio do presidente da Província do Paraná para a publicação dos atos e documentos oficiais, lançou a primeira edição do jornal *Dezenove de Dezembro* em primeiro de abril de 1854. Era editado semanalmente, com circulação aos sábados, pelo menos até janeiro de 1855, quando passou a circular às quartas-feiras, visando “*beneficiar os assinantes do interior que sempre recebiam o periódico com atraso, pois este saía do prelo no dia seguinte à saída do correio*”, sinaliza Márcia Elisa de Campos Graf, ao estudar a escravidão no Paraná a partir da imprensa periódica (GRAF, 1981: 22-23). Além de tipógrafo, Cândido Martins Lopes também exerceu as funções de “*Procurador Interino da Tesouraria Provincial, Juiz de Paz, subdelegado de polícia e vereador municipal e que apoiara as idéias do Partido Liberal*” (GRAF, 1981: 24).

Rocha Pombo, Romário Martins, Dario Vellozo e Euclides Bandeira não chegaram a conhecer e nem conviver com Cândido Martins Lopes, visto que este faleceu de ataque apopléctico em 27 de dezembro de 1871. De início, a tipografia ficou sob

responsabilidade de sua esposa Gertrudes da Silva Lopes, auxiliada, durante algum tempo, pelo tipógrafo João Luiz Pereira, que assumiu a função de editor até o ano de 1881, quando Jesuíno Martins Lopes, um dos nove filhos do casal, assumiu a direção da tipografia e do jornal *Dezenove de Dezembro*, que, a essa altura, já não era o único jornal a circular na capital paranaense. O jornal *25 de Março*, nascido nesta mesma data em 1876, sob direção de Dr. Justiniano de Melo e Silva era impresso na *Tipographia Coritiba*, fundada alguns dias antes. Já o jornal *Província do Paraná*, fundado também em 1876, era impresso na *Tipographia Perseverança*, de José Ferreira Pinheiro. A tipografia *Pêndula Paranaense*, tendo por fundador e editor Luís Coelho, passou a funcionar em 1883, por ocasião da edição e impressão do *Jornal do Comércio*, fundado no mesmo ano em Curitiba. Junto a essa tipografia havia, também, uma livraria de mesmo nome e proprietário (Cf. GRAF, 1981: 25-43).

Na edição e impressão de livros, a *Tipografia Paranaense* destacou-se por manter, desde a sua fundação, um espaço para a comercialização de livros, produzidos pela empresa ou não, dentre eles: *Catecismo*, *Noções de Moral*, *Taboada*, romances, novelas, além dos *Relatórios e Leis da Província do Paraná*. Chegou a anunciar as subscrições para a impressão e posterior venda do livro de Fernando Amaro de Miranda, *Pulsões de minh'alma*, além de publicar algumas de suas poesias ("Versos e Armia" e "Enlevos", por exemplo) no jornal *Dezenove de Dezembro*. A tipografia não chegou a editar o referido livro de poesias. Fernando Amaro, falecido em 1857, nos anos finais do século XIX passou a ser considerado por Dario Vellozo, Rocha Pombo e outros intelectuais paranaenses, um dos primeiros poetas paranaense, daí resultando a importância dada a ele e a seus escritos. Uma coletânea de seus versos foi editada em 1901, pela Tipografia Correia & Cia. (que produzia o jornal *O Sapo*); a edição objetivava fazer uma "*homenagem e ao mesmo tempo, concorrer com precioso contingente para a história da literatura deste Estado*" (Cf. DICIONÁRIO Histórico-Biográfico do Paraná, 1991: 17).

A *Tipografia Paranaense* passou a dedicar-se com mais afinco à edição e impressão de livros após fundir-se, em 1888, com a *Litografia do Comércio*, de Narciso Filgueiras, dando origem, então, à tipografia *Impressora Paranaense*. Nesse mesmo ano, Idelfonso Pereira Correia (também conhecido como Barão do Serro Azul), empresário de fôlego na Província do Paraná, decidiu associar-se a Jesuíno Martins Lopes e Narciso Filgueiras, transformando a tipografia em *Companhia Impressora Paranaense*. Com a morte do Barão do Serro Azul, em 1894, durante a "Revolução Federalista", o controle acionário passou para as mãos da Baronesa Maria José de Araújo Correia. Destacou-se das demais

tipografias e litografias paranaenses por oferecer aos clientes um parque de máquinas atualizado e apto para a impressão de jornais (com vários formatos), revistas, livros e embalagens, com ou sem gravuras. Parcela do sucesso dos trabalhos produzidos pela *Impressora Paranaense* foi creditada a Francisco Folch, litógrafo espanhol com larga experiência na área. *Esquifes*, de Dario Vellozo, *A Foz do Iguassu: ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava a colônia de Foz do Iguassu em novembro de 1892*, são duas obras publicadas pela *Impressora Paranaense*, em 1896. Junto a outras obras, marcam o início da valorização de memorialistas, poetas, literatos e intelectuais paranaenses, uma iniciativa que se mostrará profícua e altamente estratégica para o fortalecimento e afirmação da literatura e da historiografia do Paraná no cenário brasileiro, devido à produtividade e ao fôlego intelectual contidos nas linhas e entrelinhas de livros, revistas e periódicos. A busca de uma expressão regional e do intercâmbio cultural, dentro e fora das fronteiras regionais fez com que o Paraná, mais precisamente Curitiba, fosse vista como "República das Letras", a exemplo de São Paulo e do Rio de Janeiro. "*Só entre fins de 1898 e princípios de 1899 foram publicados em Curitiba nada menos de uns dez livros*", notícia com ufanismo Rocha Pombo, que continua:

Mas livros, sem contar panfletos de propaganda ou de polêmica, almanaques com larga seção literária, etc. [...] A atual geração teve seus predecessores no Paraná. Muito antes de 1880, já eram conhecidos J. Moraes, Joaquim Serapião, Luiz França, Gabriel Pereira, Antônio Macedo, Albino Silva, nomes que honraram altamente sua terra. [...] Em 1880, quando o malgrado Luiz Coelho fundou em Curitiba a Revista Paranaense (a primeira publicação no gênero feita ali) quase todos esses nomes que acabamos de citar eram os dominantes. [...] De 1885 em diante, um novo elance toma toda a vida intelectual da província, e principalmente em Curitiba aparecem os primeiros sinais do renascimento que vem. Surgiu logo o vulto de Leôncio Correia, poeta e orador que se tornou por assim dizer o ídolo dos paranaenses. [...] Em 1886 começa a aparecer Emiliano Pernetta. Ainda era estudante em São Paulo, mas estava continuamente em Curitiba. Desde cedo revelou-se um intelectual de raça. Infelizmente, a vida agitada de Emiliano tem-lhe impedido dar-nos tudo quanto do seu talento tínhamos o direito de esperar. [...] Com Emiliano Pernetta ali convivem Dario Vellozo, Nestor de Castro, Silveira Netto, Julio Pernetta, Jayme Ballão, Romário Martins, Ricardo Lemos, e outros. [...] Emilio de Menezes é um dos nomes mais lustres entre os paranaenses, que vivem fora da sua terra. [...] Mas o paranaense, que nesta Capital [Rio de Janeiro] está representando o que tem de mais fino e mais alto a gloriosa geração florescente no Paraná, é, sem reservas, Nestor Victor. Este é um verdadeiro espiritual. Já publicou, além de uma infinidade de produções em jornais, um livro de contos, Signos, a maior parte dos quais de grande valor; e também um romance, Amigos. No entanto, não entrou ainda no seu período de plena produtividade. Por enquanto estuda mais do que produz. É deste modo que ele consolida a opulenta mentalidade e aparelha-se para ser amanhã uma das manifestações mais completas do nosso espírito artístico, nesta parte do continente. Já é, portanto um nome, e há de ser um grande nome (ROCHA POMBO, 1980 127 e 135).

Percebendo tamanha euforia no “mundo das letras” que se manifestava na produção e publicação de livros nos últimos anos do século XIX, Francisco Folch, em 1897, arrendou a *Impressora Paranaense*, e, aos poucos, passou a dar certa preferência aos trabalhos de editoração, impressão e encadernação de livros. Um livro que serviu como propaganda da tipografia foi *História da Guerra do Paraguai* (1897), do Coronel José Bernardino Bormann, considerado pela historiografia da imprensa no Paraná, uma “obra prima” da arte editorial. Em 1900, a *Impressora Paranaense* lançou outras obras sob o título “Biblioteca da Impressora”, notadamente uma estratégia editorial visando atrair novos leitores e autores a seus produtos e serviços (Cf. CARNEIRO, 1975).

Na tentativa de descobrir o alcance de tal programa editorial junto a alguns livros que discorrem sobre a história da referida empresa gráfica, poucas informações conseguiu-se obter. Para ser mais preciso, consta apenas que tal estratégia editorial foi obra de Leocádio Correia, filho do renomado médico e intelectual paranaguara Leocádio José Correia (ROCHA POMBO, 1980: 129). Resolvemos, então, iniciar a busca por informações na Biblioteca Pública do Paraná, via Catálogo Eletrônico (<http://www.pr.gov.br/bpp/> acessado em 30/08/2005). De antemão listamos os nomes de dez personagens ligados ao “mundo das letras” paranaense (Euclides Bandeira, Dario Vellozo, Romário Martins, Silveira Neto, Jayme Ballão Junior, Sebastião Paraná, Emiliano Pernetta, Julio Pernetta, Telêmaco Borba e Domingos Nascimento), e, a partir dos respectivos nomes, teve-se acesso às referências bibliográficas das obras publicadas pelos mesmos, entre os anos 1900 e 1920, na cidade de Curitiba. Para analisar o conjunto de informações extraídas, construiu-se uma tabela levando em consideração o período, a cidade de edição das obras e, principalmente, as tipografias. O resultado final, além de fornecer alguns números, mesmo que parciais, sobre a ação das tipografias junto aos intelectuais curitibanos, evidenciou a existência de várias outras tipografias sendo objeto de atenção dos mesmos autores de textos. Tipografias estas deixadas até aqui à margem da historiografia, em detrimento da valorização e do papel desempenhado pela tipografia *Impressora Paranaense* na história da indústria gráfica na capital paranaense.

Entre os anos 1900/1920, os dez intelectuais mencionados anteriormente publicaram, em Curitiba, 54 livros (poesias, contos, reflexões, críticas, obras de história, literatura e geografia). Desse montante, 15 foram impressos na tipografia *Impressora Paranaense*, que tinha, nos anos iniciais do século XX, certa preferência entre as outras casas tipográficas; outros 15 livros foram editados na tipografia da *Livraria Econômica Annibal, Rocha & C.*, destacando-se no cenário editorial curitibano nos anos finais da

primeira década do vigésimo século; outras 6 obras foram impressas no parque gráfico da tipografia do *Instituto Neo-Pitagórico*, montada, em 1912 para editar os escritos do grupo (criado em 1909), que leva o mesmo nome; a Tipografia *d'A República*, no período em questão, editou 4 livros, ao passo que a Tipografia *Mundial* editou apenas dois livros; as tipografias do *Diário Oficial*, *Novo Mundo*, *Paraná Modeno*, *Films Coritibanos*, *Correia, J. Haupt* e *Au Louvre*, por sua vez, editaram um livro do grupo de dez intelectuais paranaenses entre os anos de 1900 e 1920. Isso não significa afirmar que essas últimas empresas gráficas não dispusessem de um parque gráfico voltado à impressão e encadernação de livros. O fato de elas existirem, ao menos, remete à idéia de que as mesmas, além de edição de jornais, revistas e livros, atuavam na impressão de outros produtos como rótulos de cerveja, refrigerantes, vinhos, erva-mate, embalagens de papel para produtos não perecíveis, etc..

O sucesso dos livros e de seus autores, além da qualidade de seus escritos e impressão, deve-se, em parte, aos editores. Era tal personagem que possuía o controle do processo de composição tipográfica, da arte gráfica, da impressão, da encadernação e da comercialização dos textos. Ter Romário Martins, Rocha Pombo, Dario Vellozo e Euclides Bandeira como editores certamente propiciava credibilidade às casas tipográficas, não apenas pelo grande reconhecimento intelectual de que gozavam, enquanto autores, mas também por imprimirem determinadas características próprias dos intelectuais às empresas gráficas na medida em que, junto aos editores, um grupo maior de personagens, empresas e instituições atraíam-se segundo posições ideológicas e políticas.

Dario Vellozo, por exemplo, além de ser o mentor do Instituto Neo-Pitagórico (INP), estimulava a publicação e divulgação de obras junto à tipografia do referido instituto, onde atuava como editor. O fato dele ser um dos grandes divulgadores dos ideais positivistas comtianos e de estar integrado à maçonaria na capital paranaense, ressaltava ainda mais sua atuação enquanto diretor e editor de jornais, revistas e livros. Textos de autores conhecidos e desconhecidos no cenário curitibano e paranaense expressando as idéias e preceitos defendidos pelo grupo ao qual Vellozo estava atrelado, certamente, passavam pelo crivo do editor, que, por sua vez, exercia a censura aos textos a ele enviados ou decidia pela publicação, com ou sem alterações, supressões ou adições de capítulos. Posições estas que, ao serem tomadas, revelam algumas das tensões sociais, políticas e culturais que vigoravam na sociedade curitibana, de meados do século XIX às primeiras décadas do século XX.

Isso explicita, em parte, o jogo de influências, idéias e imposições feitas aos autores de livros pelos editores, que, além dessa função, atuavam como referência intelectual e patrocinadores (ou financiadores) dos livros. O editor, segundo Roger Chartier, acaba atuando como “protetor” ou “atestado” de qualidade textual e fôlego intelectual de determinado autor. O livro e seu mentor, de imediato, ganhavam maior importância no mercado editorial e, por extensão, na opinião do público leitor (CHARTIER, 1999: 41). Dario Vellozo, sinaliza Cláudio DeNipoti, soube fazer uso de sua experiência como redator, tipógrafo, autor e editor junto ao mercado editorial (DENIPOTI, 2001: 85). A estratégia montada por Vellozo foi divulgar listas de obras que propagassem os ideais “pythagóricos” como sugestão de “leitura e meditação” nos jornais periódicos e revistas editadas e mantidas pelo Instituto Neo-Pitagórico. Em 1916, pela assinatura da revista *Myrto e Acácia*, o novo leitor poderia escolher gratuitamente um exemplar dos seguintes livros: *Abutres* (de Roberto Faria); *Pelo Aborígene* (de Dario Vellozo e Julio Pernetta); *Do retiro saudoso*, ou ainda, *A cabana de Fellah*, ambos de Dario Vellozo; *Les Fils du Silence* (de Han Ryner); e *Paul et Virginie* (de Saint Pierre) (Cf. DENIPOTI, 2001: 84).

A existência de clubes e sociedades literárias, na capital da Província do Paraná e em outras localidades mais interioranas, dotadas de bibliotecas, era outra maneira de incitar parcela da população leitora ao consumo e divulgação de livros e revistas. A Biblioteca Pública do Paraná, fundada em 1859, tinha, em 1880, 900 títulos em cerca de 2.000 volumes. O Clube Literário de Paranaguá, fundado em 1871, tinha aproximadamente 3.000 livros, em 1900. A Associação Literária Lapeana, fundada em 1873, teve seu acervo de livros ampliado de 300 volumes em 1876, para 1350 em 1882, mediante doações particulares e do Governo Provincial. Havia, ainda, bibliotecas no Clube Democrático Antoninense (em Antonina), no Clube Alfa (em Morretes), no Clube de Leitura Portocimense (na vila de Porto de Cima), no Clube Literário São-Joseano (em São José dos Pinhais) (ROCHA POMBO, 1980; 124-125).

Assim como na Alemanha, na França e na Inglaterra, muitos desses clubes e sociedades literárias mantinham “lugares de leitura” junto às bibliotecas, espaços estes, separados dos lugares de recreação, lazer e festas. Não se impedia, no caso paranaense, que a leitura de livros ocorresse em locais alternativos, como próximos ou embaixo de árvores, varandas e terraços para melhor desfrutar dos conteúdos apresentados nos livros, dos atrativos fornecidos pelas paisagens que formavam o jardim e da socialização do conteúdo lido com as pessoas que ali se encontravam. Ser observado com um livro nas mãos, para a sociedade curitibana do período era ser considerado “letrado”, “culto”,

“esclarecido”. O livro, ou melhor, sua representação indicava uma espécie de “autoridade do saber” (CHARTIER, 1999: 84). O fato de terem surgido novos locais e práticas de leituras, para além dos espaços silenciosos das bibliotecas, como os cafés literários (Café Rio Branco) e os “bares” noturnos (Elite Club) em que boêmios recitavam poemas, bebiam, jogavam e promoviam festas, podem ser apreendidos como outra forma de *status* cultural, “das divisões entre as classes, dos processos diferentes de aprendizagem, das escolaridades mais ou menos longas, do domínio mais ou menos seguro da cultura escrita”, como nos lembra Roger Chartier (CHARTIER, 1999: 92).

No periódico *O Paraná* (edição de 19/12/1910), José Leandro da Costa Pereira, sob pseudônimo “Aristarcho da Costa”, relata em forma de crônica alguns momentos da vida agitada de estudante na cidade de Curitiba:

Eu era jovem então. Naquella vida ampla d'estudante, cercava-me de uma talentosa mocidade, ciosa de estender seus conhecimentos, jogando a tudo um olhar investigador, a tudo reservando um momento de observação, um instante de applicação. A literatura prendia-nos especialmente a atenção e, no meu chateau de solteiro, à luz bruxoleante de uma vela barata, reunimo-nos em torno da mesa de estudo, antes uma verdadeira babel, [...] Era ali uma das principais fábricas de sonetos e contos, com os quaes os quinzenários d'então formavam a matéria mais brilhante de suas edições. Um assunto à autopsia – e cada qual investiga seu pouco e emitia sua opinião, e as que as houvesse adversas – um voserio se levantava d'entre um gesticular brutal, com o qual os menos arrazoados procuravam persuadir seus contendores – formava-se uma Câmara dos Deputados, onde muito se fala e nada se faz. Só num ponto não havia divergência – em atacar a clericanalha. (COSTA, Apud BERBERI, 1998: 64).

O local de leitura de José Leandro da Costa Pereira e de seus colegas de estudo era o “Chateau de solteiro”, à luz de velas e ao redor de uma mesa de estudos, cujos leitores em posse de livros, os discutiam em grupo, resultando, às vezes, em interpretações antagônicas a respeito de determinado assunto lido, ou que estava sendo escrito, encarnado em vozes e gestos. Nota-se, assim, que a prática da leitura, ao menos em grupo, prescindia mais do que o silêncio ou a voz de um único leitor. Os gestos nascidos da calorosa discussão, o espaço propício à reunião de jovens estudantes e o hábito de estudar em grupo ajudava a imprimir outros significados aos textos lidos, além daqueles que o autor quis aludir. Esses novos significados materializavam-se no embate de idéias, que, por sua vez, indica que os jovens leitores entendiam de maneiras diversas o que estava impresso nas linhas e entrelinhas do livro, fruto, em parte, dos múltiplos interesses e expectativas individuais presentes ao redor da mesa de estudo e da “luz bruxoleante de uma vela barata”, mesmo tendo um objetivo central que a todos unia: “atacar a clericanalha”.

A crônica de José Leandro da Costa Pereira ajuda a pensar o leitor e as práticas de leitura. Não um leitor qualquer, e sim, um público leitor seletivo: de jovens estudantes a intelectuais renomados, quase todos membros de uma configuração social e econômica privilegiada. Como toda leitura é uma "operação de caça" (CERTEAU, 1994: 259), na medida em que o leitor procura nos textos algo em específico, os livros de crônicas, poemas, prosas e críticas (literária ou histórica) elaboradas pelos escritores paranaenses, apresentam (num momento ou noutro, no todo ou em parte) significados diferentes para cada leitor. Nessa óptica, comenta Michel de Certeau:

Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente, mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido. (CERTEAU, 1994: 269-270).

A já considerável historiografia que discute a cultura impressa na capital paranaense, entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, têm dado pouca atenção às "massas", como se elas não circulassem pelos privilegiados "jardins da arte". É certo que esse público leitor não se "exibe às claras", como diz de Certeau, mas "costuma estar implícita na pretensão dos 'produtores' de informar uma população, isto é, de 'dar forma' às práticas sociais" (CERTEAU, 1994: 260). Destaca-se, aqui, o estudo realizado por Cláudio DeNipoti sobre a sexualidade através da leitura, entre os anos 1911 e 1918, na cidade de Curitiba. Para isso, o historiador fez uso de um arcabouço documental até então pouco explorado: os livros de registros de retirada e consulta de livros da Biblioteca Pública do Paraná, naquela época, instalada nas dependências do Colégio *Gymnasio Paranaense*. A narrativa de um dos editores da revista *O Paraná*, levada ao público em 24 de abril de 1911, pontua o estado que então se encontrava a Biblioteca Pública do Paraná:

Sempre emperrada nos montões de livros de venerável antiguidade, allí está n'uma acanhada sala do Gymnasio, fossilizada em arcaicos armários, sob camadas de pó e mais própria a atender a curiosidade de algum archeólogo do que a do estudioso dominado pelo justo receio de infecção pelos bacilos de Koch que allí socegradamente proliferam desconfiados na desídia do Estado. (Apud DENIPOTI, 1999: 34).

Os livros de registros passaram a ser obrigatórios a partir de 1870 na tentativa de coibir e acabar com uma prática tornada rotineira naquela biblioteca: a de não devolução das obras emprestadas. Semelhantes aos “livros atas” da atualidade, informa Cláudio DeNipoti,

eram divididos verticalmente a cada duas páginas, abertas em sessões destinadas, primeiramente, ao nome do leitor; à obra consultada, autor, idioma e o número de volumes. A penúltima coluna referia-se à data (dia e mês, o ano sendo anotado no topo central das páginas, geralmente até o segundo ou terceiro mês de cada ano). Por fim, um espaço reservado a anotações gerais que só ocasionalmente recebia alguma observação lacônica de nosso personagem, como ‘devolvido’ ou ‘manchado’ (DENIPOTI, 1999: 39).

A partir da cotidiana atividade de preenchimento dos livros de registros pelo bibliotecário (mantido anônimo nos referidos livros) foi possível focalizar os leitores e as leitoras assíduos da Biblioteca Pública do Paraná, entre 1911 e 1918. É certo que muitos leitores iam àquela biblioteca em busca de obras auxiliares aos estudos do ginásio, tais como os livros de química, física, biologia, dicionários e enciclopédias. “Quando, porém, nos voltamos para as obras literárias mantidas naquela biblioteca, notamos uma clara preferência, no período 1911-1918, por alguns autores”, sinaliza DeNipoti. Rastreá-los possibilitou perceber como uma obra circulava entre pessoas com o mesmo sobrenome, por exemplo, ou em uma seqüência quase premeditada, “indicando que os leitores, sendo parentes, colegas de aula, profissionais, ou mesmo meros amigos ocasionais, deviam recomendar entre si aqueles livros que mais despertaram sua atenção, emoções ou curiosidade profissional” (DENIPOTI, 1999: 42).

Voltando o estudo aos leitores de obras abordando o tema sexualidade (sexo, amor, casamento e suas variantes), DeNipoti, por meio dos livros de registros, percorreu com seu olhar garimpeiro uma vasta produção bibliográfica européia e brasileira em voga no início do século XX. *La génération universelle* (1890), do médico francês Pierre Garnier; *Higiene del amor* (s.d.), do médico e antropólogo italiano Paolo Mantegazza; seguido dos livros de Joaquim Manoel de Macedo (*O moço loiro, Os dois amores, A baronesa do amor*) José de Alencar (*O Guarani, Diva*), Bernardo Guimarães (*A escrava Isaura*), Aloísio de Azevedo (*O mulato, O cortiço, O homem*) e Eça de Queirós (*O crime do Padre Amaro, Cartas da Inglaterra, A cidade e as serras*) figuravam entre as obras mais retiradas e consultadas pelos leitores no período abordado pelo historiador. A obra *Higiene del Amor*, de Paolo Mantegazza, em outubro de 1913,

foi consultada por um certo Segismundo Antunes Netto no dia 13, por Antonio Lopes no dia 16, por Moisés de Andrade Jr. no dia 23 e por João Germano dos Santos no dia 30. Já no mês de agosto de 1917, Ataliba Silva consultou *A Higiene* mais sete vezes, além das cinco consultas que fizera no mês anterior, nos dias 3, 6, 9, 14, 16, 17 e 23. Raul Gomes disputou o livro nos dias seguintes, com Ataliba e com outros leitores. Gomes consultou a obra – também não pela primeira vez – nos dias 22, 27 e 29 de agosto. Victorio Schaffer o fez nos dias 27 e 29 deste mês e em 1º de setembro. (DENIPOTI, 1999: 69).

Em 1915, Anita Albach leu *O moço loiro* e *O culto do dever*, de Macedo; Maria da Luz Ferreira leu *O forasteiro*, do mesmo autor e Thereza Zanello consultou *O moço loiro*. Os nomes continuam a surgir tímidos em 1916 e 1917, para, em 1918, tornarem-se mais constantes: Maria de Albuquerque, Henriqueta Assumpção, Clotilde Azevedo, Maria Hercília de Azevedo, Lúcia Bastos, Alda Braga, Heloyna Camargo, Delpheia Carneiro, Vália Cava, Clotilde de Quadros, etc. (DENIPOTI, 1999: 140).

Cláudio DeNipoti realizou o cruzamento dos nomes de alguns leitores da Biblioteca Pública do Paraná junto a periódicos que circulavam na cidade de Curitiba nas décadas de 1910 e 20. Após árduo levantamento documental os indícios foram surgindo e nomes como Oscar Martins Gomes, Manuel Lacerda Pinto, Idelfonso Correia, Raul Gomes, Miguel Santiago e Leônidas Moura de Loyola, além de leitores de obras sobre sexualidade, também figuravam como colaboradores em alguns periódicos que, a título de exemplo, destacam-se o *Fanal* e *O Olho da Rua*. Deixaram significativos vestígios impressos nas páginas de seus textos a respeito das leituras que realizavam, bem como interpretavam e aplicavam os conteúdos lidos na elaboração de novas reflexões sobre acontecimentos do tempo presente.

Na citação acima, nota-se que as “massas” de leitores (masculinos e femininos) de que nos fala Michael de Certeau, aos poucos ganharam nomes e sobrenomes. Da mesma maneira o bibliotecário, simplesmente denominado de “senhor Reginaldo”, mantido no anonimato de maneira estratégica por Cláudio DeNipoti. Tal decisão não diminuiu a qualidade e o fôlego demonstrado no desenvolvimento da pesquisa; no entanto, a análise cuidadosa sobre tal personagem certamente traria à tona outros indícios importantes para o estudo dos caminhos sinuosos da “circularidade” da cultura impressa, na medida em que as artimanhas e os artifícios postos em prática pelos leitores com a finalidade de obter livros, proibidos ou não, são infinitos, como sinaliza Chartier (CHARTIER, 1999: 7).

A existência de um estatuto impondo restrições ao acesso a determinados livros poderia ser burlada com a aproximação e amizade cultivada entre alguns leitores e o bibliotecário. Cabe, também, atribuir atenção às atividades desempenhadas pelo bibliotecário fora de seu local de trabalho, sua inserção social, sua predileção por

determinadas obras, temas de leitura e estudo. O bibliotecário possuía alguma ligação com o mercado editorial curitibano, ou vínculo a alguma tipografia na medida em que o ofício desempenhado poderia ajudar na divulgação das obras editadas por determinadas casas tipográficas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto foi escrito com o propósito de refletir sobre a produção e a circulação da cultura impressa em Curitiba, entre fins do século XIX e início do século XX. Conhecer e entender esse cenário ajudou-me a pensar a minha problemática de pesquisa quando da redefinição dos rumos da tese de doutorado, tendo por suporte documental relatos de viagens à fronteira oeste do Paraná. A pretensão era explorar tal *corpus* documental sob a óptica da cultura impressa (escrita, impressão, circulação e leitura) e como esses relatos de viagens foram utilizados pelos historiadores e memorialistas para escrever e construir a história do oeste paranaense até fins do século XX. No decorrer das aulas e seminários, além das conversas com professores e orientadora, surgiram outras possibilidades de análise das mesmas fontes documentais. A ocupação territorial da região de fronteira internacional sob a óptica dos viajantes passou a ser o novo viés da pesquisa, tendo os próprios viajantes como personagens ativos no processo de exploração, descrição e produção de falas e idéias a respeito da região oeste do Paraná.

O texto ora apresentado ajuda a pensar a inserção dos viajantes no cenário cultural e intelectual de Curitiba, já que a maior parte dos relatos de viagens selecionados para a construção da tese foi escrito por viajantes radicados em Curitiba, muitos deles participando ativamente da "República das Letras". A título de exemplo menciona-se José Cândido da Silva Muricy, Domingos Nascimento e Silveira Neto. A publicação de suas narrativas de viagens estava atrelada ao contexto histórico aludido no texto, bem como ao gosto pela leitura das narrativas de viagens a lugares distantes do território paranaense. Por outro lado, tais narrativas moldaram discursos e projetos de ocupação dos sertões a oeste sudoeste e norte do Paraná, a partir da descrição densa das paisagens, da fertilidade do solo, dos animais, dos peixes... e da presença de estrangeiros (argentinos, paraguaios, alemães, etc) vivendo e explorando as matas na região de fronteira.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Euclides. "Padrefobia". *Heréticos*. Curitiba: Tipografia Livraria econômica, 1901.

_____. "Dez anos". *Revista do Centro de Letras do Paraná*. Curitiba, nº 3, 1922.

BANDEIRA, Gláucio. *Euclides Bandeira: roteiro biográfico*. Curitiba: Rádio Guairacá, 1954.

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba: surto e desenvolvimento dos processos tipográficos e litográficos, arte editorial e comércio de livros da capital paranaense*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/ Edições Paiol, 1975.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. "Romário Martins: biografia intelectual". In: MARTINS, Romário. *História do Paraná*. 20ª ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. [Coleção Farol do Saber].

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrum. São Paulo: UNESP, 1999.

DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Edunicamp, 1999.

_____. "Um homem no mundo do livro e da leitura". *Revista de História Regional (UEPG)* 6 (2), inverno de 2001.

DICIONÁRIO Histórico e Biográfico do Estado do Paraná. Curitiba: Livr/Editora do Chain, 1991.

GARCIA, Rodolfo. "Discurso de posse". *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Vol. 48, 1936. Apud. MACHADO, Brasil Pinheiro. "Rocha Pombo". In: *O Paraná no centenário (1500-1900)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRAF, Márcia Elisa de Campos. *Imprensa periódica e escravidão no Paraná*. Curitiba: GRAFIPAR, 1981 [Coleção Estudos Paranaenses].

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

MAN, John. *A revolução de Gutenberg*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896/1912)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

MARTINS, Romário. *O Catalogo dos Jornaes publicados no Paraná de 1854/1907*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1908. 155 p.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. "Cultura escolar e contexto social do Paraná na primeira República". In: *Plures – humanidades*. Ribeirão Preto. Vol. 3, nº 1. 2002.

OS PENSADORES. *Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PEREIRA, Luiz Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado – cultura e imaginário no Paraná da I República*. 2 ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

_____. "Paranismo: cultura e imaginário no Paraná dos anos 20". In: DENIPOTI, Cláudio; ARRUDA, Gilmar (Orgs.) *Cultura e Cidadania*. Curitiba: ANPUH/PR, 1996.

PILOTO, Valfrido. "Um demônio de bom nome e bom efeito". *Páginas de Casa*. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1941.

PILOTTO, Osvaldo. "A imprensa do Paraná no Império". *Revista Círculo de Estudos Bandeirantes*. Curitiba: ago/1935.

QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: romantismos e utopias (1880-1905)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

ROCHA POMBO, José Francisco. *O Paraná no centenário (1500-1900)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SILVEIRA NETO, Manoel de Azevedo da. *Revista O Cenáculo*. Club Coritibano V (18). Curitiba, 30/11/1894.

SILVEIRA, Tasso. *Dario Vellozo: perfil espiritual*. Rio de Janeiro: s/ed., 1921.

SIRINELLI, Jean-François. "Intelectuais". RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SOARES, Luis Roberto. "Romário: um historiador combatente". In: MARTINS, Romário. *História do Paraná*. 20ª ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

STELIO. "Chronica da Rua". *O Olho da Rua*. 22/07/1911. APUD. BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

SZVARÇA, Décio. *O forjador: ruínas de um mito, Romário Martins*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Farol do Saber/Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. *Cultura e Educação no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Verbete "Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense". In: *Dicionário Histórico Biográfico do Estado do Paraná*. Curitiba: Chain, 1991.

www.pr.gov.br/bpp/ acessado em 30/08/2005.

Recebido em: 20/09/2007

Aprovado em: 21/11/2007